



## A CRISE MINISTERIAL A PARTIR DE UMA ANÁLISE DA CRISE DO PROFETA ELIAS EM 1 REIS 19.1-18<sup>1</sup>

*The ministry crisis from an analysis of Prophet Elijah's crisis in  
1 Kings 19.1-18*

**Rafael Klabunde<sup>2</sup> e Rolf Roberto Krüger<sup>3</sup>**

### RESUMO

O presente ensaio tem por finalidade trabalhar o tema crise ministerial, a partir de uma análise de 1 Rs 19.1-18. Neste texto Elias, que foi um importante profeta, experimenta a abscondicidade de Deus em seu ministério. Embora Elias muitas vezes é visto como um herói, ainda assim sobrecarga, solidão e desejo de morte podem ser observados neste relato. Parte-se do pressuposto que, a partir da experiência de Elias, vivenciada no texto citado, é possível trazer importantes reflexões para a realidade que muitos cuidadores experimentam atualmente. Tais cuidadores, muitas vezes vistos como inabaláveis, estão sujeitos ao sofrimento e necessitam de cuidados. Ao longo do artigo serão apresentados os diferentes aspectos que podem levar um cuidador à crise com base na experiência de Elias, como fadiga, desilusão com o povo de Deus e outros fatores. E, por fim, será abordada a

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 08 de julho de 2016, e aprovado pelo Conselho Editorial em reunião realizada em 15 de julho de 2016, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

<sup>2</sup> Rafael Klabunde é bacharel em Teologia pela Faculdade Luterana de Teologia (FLT) de São Bento do Sul. Atua como missionário da Missão Evangélica União Cristã (MEUC) desde agosto de 2015. E-mail: rafael.klabunde@meuc.org.br.

<sup>3</sup> Rolf Roberto Krüger (Dr.) é professor de Teologia Prática na Faculdade Luterana de Teologia. E-mail: rolf.kruger@flt.edu.br.

necessidade de cuidados para os cuidadores e o modo como estes cuidados se manifestaram na experiência do profeta, por meio do agir de Deus.

**Palavras-chave:** Crise Ministerial. Cuidado Pastoral. Elias. Antigo Testamento.

### ABSTRACT

*This rehearsal's purpose is to examine the subject ministry crisis from an analysis of 1 Kings 19.1-18. In this passage, Elijah, an important prophet, experiences God's abscondence in his ministry. Even though Elijah is many times seen as a hero, overburden, loneliness and death wish can be observed in this story nevertheless. It is premised that, from Elijah's experience, narrated on the mentioned passage, it is possible to apply important lessons to the reality which many caregivers experience nowadays. The said caregivers, very often seen as steadfast, are subject to suffering and need attention. Throughout the article, the various reasons that can lead a caregiver to crisis will be discussed, based on Elijah's experiences, such as fatigue, disappointment with the people of God and other factors. Finally, the necessity of attention to the caregivers will be approached, as well as the way this attention occurred in the prophet's experiences, through the act of God.*

**Keywords:** Ministry Crisis. Pastoral Care. Elijah. Old Testament.

### INTRODUÇÃO

Este artigo tem o objetivo de realizar uma abordagem sobre o tema crise no ministério a partir da crise do profeta Elias e a terapia a qual ele foi submetido, narrada em 1 Rs 19.1-18.

O trabalho foi dividido em duas partes. Na primeira será realizada uma análise exegética do texto já citado de 1 Rs. E, em um segundo momento, será realizada uma abordagem voltada para a área prática, para as crises que os cuidadores enfrentam; isto a partir dos resultados da exegese. Esta segunda parte foi dividida em três subtópicos: o primeiro trata da realidade dos cuidadores, que não estão isentos de sofrerem crises no ministério, apesar de serem vistos como inabaláveis; na segunda e terceira parte será tratado sobre a origem da crise em Elias e a terapia aplicada pelo próprio Deus e seu representante, respectivamente.

A literatura básica utilizada foi: a Bíblia Hebraica Stuttgartensia, a Bíblia Sagrada (versão Almeida Revista e Atualizada), além de outros materiais utilizados para realizar a exegese (o Dicionário Internacional de Teologia, o Analytical Key to the Old Testament, História de Israel – Gunneweg e Metzger –, Introdução ao Antigo Testamento, entre outros), o livro intitulado Elias, de Petersen, Homens de Deus, de Atiencina, e outros.

## 1 ANÁLISE EXEGÉTICA DE 1 RS 19

Segue o texto de 1 Rs 19.1-18, a partir de uma tradução própria, baseada na Bíblia Hebraica Stuttgartensia (BHS) e com o auxílio de outras versões portuguesas<sup>4</sup>:

1 – Fez saber Acabe para Jezabel tudo que fez Elias e tudo sobre como matou todos os profetas pela espada. 2 – Então enviou Jezabel um mensageiro para Elias, dizendo: assim façam-me<sup>5</sup> os deuses e assim façam acrescentar<sup>6</sup>, se amanhã, a estas horas, eu não<sup>7</sup> por/colocar/firmar a tua vida conforme a vida de cada um deles.

3 – Então temeu e pôs-se de pé e caminhou para (salvar) sua vida<sup>8</sup>, e foi para Beerseba, que pertence a Judá, e deixou o seu jovem ali. 4 – E ele caminhou no deserto num caminho de um dia, e foi e sentou-se debaixo de algum zimbro. E desejou sua vida para a morte, e disse: Basta<sup>9</sup> Senhor, toma agora a minha vida, pois eu não sou melhor do que os meus pais.

5 – Então se deitou e adormeceu debaixo do zimbro, e eis isto: um mensageiro/anjo

---

<sup>4</sup> **Bíblia Hebraica Stuttgartensia**. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.; **A Bíblia Sagrada**: Revista e Atualizada. 2. ed. Traduzida por João F. de Almeida.. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1933.; **Bíblia Sagrada**: Nova Tradução da Linguagem de Hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.; **Bíblia de Estudo**: NVI. São Paulo: Vida, 2003.; **A Bíblia de Jerusalém**. Nova Edição, revista. São Paulo: Paulus, 2000.

<sup>5</sup> De acordo com o aparato crítico da BHS, em muitas versões é inserido “para mim/me” neste ponto. Olhando para as versões de Almeida, Nova Versão Internacional (NVI), Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTHL) e a Bíblia de Jerusalém (BJ), vemos que esta expressão também aparece e ajuda para esclarecer o texto.

<sup>6</sup> “Assim façam acrescentar” é traduzido por Almeida como “façam como lhes aprouver”. Isto quer expressar que Jezabel quer ter a punição que merece dos deuses, caso não vingue a morte dos profetas de Baal (1 Rs 18).

<sup>7</sup> Todas as versões analisadas acrescentam a palavra não: “que os deuses me façam isto se eu ‘não’ fizer assim”.

<sup>8</sup> “Para a sua vida” tem sentido de “salvar a sua vida”, conforme o Almeida. WALTKE, Bruce K. In: HARRIS, R. Laird (org.). **Dicionário Internacional de Teologia**: Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 985.

<sup>9</sup> A NVI utiliza “Já tive o bastante” enquanto que as outras versões trazem “Basta” ou “Já chega”. “Basta” dá um sentido de esgotamento, de cansaço da própria vida, enquanto que “já tive o bastante” pode dar um sentido de estar satisfeito com a vida, de estar realizado. Analisaremos esta expressão mais adiante.

tocando nele. E disse-lhe: levanta e come! 6 – E ele olhou e eis em seu travesseiro pão cozido sobre brasas e um recipiente com água. Então comeu e bebeu, e voltou e adormeceu. 7 – Mas voltou o mensageiro do Senhor uma segunda vez e tocou nele, e disse: levanta e come, pois longo é teu caminho.

8 – E levantou, comeu e bebeu. E caminhou na força dessa comida quarenta dias e quarenta noites, até o monte de Deus<sup>10</sup>, o Horebe. 9 – E se foi dali para a caverna e alojou-se ali. E eis a palavra do Senhor vindo para ele, dizendo lhe: O que para ti aqui Elias/O que fazes aqui Elias<sup>11</sup>? 10 – E disse: sou muito zeloso<sup>12</sup> a Javé, Deus dos Exércitos, pois os filhos de Israel abandonaram tua aliança, teus altares demoliram e teus profetas mataram pela espada. E restei apenas eu, e eles procuram tomar minha vida.

11 – E disse: Saia, e ficarás de pé, no monte, diante da face de Javé. E eis Javé passando e um vento grande e forte despedaçando os montes e destruindo as pedras diante de Javé, não Javé não estava no vento. E, depois do vento, um terremoto, e Javé não estava no terremoto. 12 – E, depois do terremoto, fogo, e Javé não estava no fogo. E, depois do fogo, uma voz suave e leve.

13 – E houve, quando Elias ouviu, fez cobrir sua face em seu manto, saiu e ficou de pé na porta da caverna. E eis para ele uma voz, e disse: O que para ti aqui Elias/O que fazes aqui Elias? 14 – E disse: sou muito zeloso a Javé, Deus dos Exércitos, pois os filhos de Israel abandonaram tua aliança, teus altares demoliram e teus profetas mataram pela espada. E restei apenas eu, e eles procuram tomar minha vida.

15 – E disse-lhe Javé: caminhe e volte para teu caminho no deserto de Damasco,

<sup>10</sup> O aparato crítico sugere a supressão do termo “Deus” (אֱלֹהִים). Isto se encontra na versão da Septuaginta. Este pode ser um trabalho redacional posterior, pois, com exceção do versículo 10 (onde aparece “Deus dos Exércitos” - אֱלֹהִים צְבָאוֹת), este é o único lugar no texto em que se usa o termo “Deus”. Isto será mais aprofundado no tópico Contexto.

<sup>11</sup> Almeida traduz por “O que fazes aqui Elias?”. Esta pergunta faz Elias refletir sobre as suas atitudes e sua vida, a qual ele deseja para a morte. A pergunta e sua resposta se repetem mais adiante nos vv. 9-10 e vv. 13-14.

<sup>12</sup> “Ser zeloso/ter ciúmes” vem de זָקַ; com a preposição לֵ tem sentido de “ser zeloso”. Este verbo aparece repetido nesta oração, tanto no v. 10 como no v. 14. Isto mostra uma ênfase na ação, uma intensidade no zelo. Uma vez o verbo está no infinitivo e outro está conjugado (ambos no tronco Piel, que por si só expressa intensidade). Podemos traduzi-lo por “ser extremamente zeloso”.

e quando tu entrares<sup>13</sup>, ungirás Hazael rei sobre Síria. 16 – E Jeú, filho de Ninsi, ungirás rei sobre Israel, e Eliseu, filho de Safate, de Abel-Meúla, ungirás profeta em teu lugar<sup>14</sup>. 17 – E acontecerá, ao que escapar da espada de Azael, Jeú o matará, e ao que escapar da espada de Jeú, Eliseu o matará. 18 – E eu fiz restar<sup>15</sup> em Israel sete mil, todos os joelhos que não se dobraram a Baal e toda a boca que não o beijou.

### 1.1 O texto

Neste tópico abordaremos algumas informações relevantes sobre o texto: considerações gramaticais, sintáticas e também quanto à forma do texto.

O primeiro versículo liga a perícopes estudada com o capítulo anterior a partir da figura do rei Acabe e da informação que este dá para Jezabel, sua esposa. Esta informação se refere à morte dos profetas de Baal, da qual o profeta Elias é considerado o autor.

Em 1 Rs 19.2, Jezabel é o sujeito ativo, que envia um mensageiro. A partir desta mensagem se desenvolve a narrativa. No texto temos a citação do que Jezabel diz ao mensageiro, mas não temos as palavras do mensageiro ditas para Elias; logo em seguida já aparece sua reação. Esta é uma ameaça de Jezabel; uma espécie de juramento, que apresenta uma condição (“se” de כִּי) e uma consequência (כֵּן- “assim” os deuses devem agir)<sup>16</sup>.

Em 1 Rs 19.3, Elias passa a ser o sujeito ativo dos verbos e o personagem central, ao lado de outros personagens que representam ou são o próprio Javé. Estes verbos são ocasionados pela ameaça de Jezabel: temer, pôr-se de pé, caminhar, ir, deixar. O caminhar de Elias, até Beerseba, tem o objetivo de salvar a sua própria vida.

---

<sup>13</sup> Literalmente é “e tu entrarás” (conjugado na 2ª pessoa masculino singular, no perfeito Qal), mas é traduzido por “and when you arrive” (e quando tu entrares) em: OWENS, John J. **Analytical key to the Old Testament: Judges – 2 Chronicles**. Vol. 2.; 2. Ed. Grand Rapids: Baker Book House, 1994, p. 512.

<sup>14</sup> Literalmente “debaixo de ti”, mas é traduzido por “in your place” (em seu lugar) em: OWENS, 1994, p. 512.

<sup>15</sup> NTHL traduz como “eu deixarei” e a BJ traduz “pouparei”, ambas no futuro. Porém o Almeida (“conservei”) e a NVI (“fiz sobrar”) traduzem no passado. A NVI traduz melhor a intenção do tronco Hifil.

<sup>16</sup> OWENS, 1994, p. 510.

E Elias continua caminhando no v. 4, até debaixo de uma árvore no deserto onde se senta. Ali, debaixo do zimbros, acontecem as próximas ações na narrativa, onde é expressa a crise do profeta. Elias deseja sua vida para a morte: “Basta Senhor, toma agora a minha vida”. E, ao mesmo tempo, Elias dá o motivo deste pedido, fazendo uma comparação: “pois (expressão explicativa, כִּי) eu não sou melhor do que meus pais”<sup>17</sup>. Depois o profeta se dirige ao Senhor com uma ordem: “toma” (no imperativo).

Então o profeta se deita e dorme. Mas o texto chama a atenção (a partir da partícula “eis”<sup>18</sup>) para um mensageiro, ou anjo, que lhe aparece com uma ordem: “Levanta e come!”<sup>19</sup>. Então o profeta olha e vê a comida que deve comer; ele cumpre a ordem do anjo, comendo e bebendo, mas volta a deitar-se e dormir, sem cumprir a ordem de se levantar.

Então o anjo volta a aparecer, insistindo na mesma ordem, mas agora com uma explicação: “Levanta e come, pois longo é teu caminho”<sup>20</sup>. E novamente o verso seguinte traz a resposta de Elias a esta ordem, mas agora Elias obedece a ordem de se levantar. Em seguida o profeta continua caminhando. A força para esta caminhada provém da comida, a qual o faz caminhar um período de 40 dias e 40 noites, até o monte Horebe<sup>21</sup>.

Elias vai até uma caverna e é chamada a atenção para a Palavra de Deus, a qual é o sujeito ativo que faz uma pergunta ao profeta. No v. 10 Elias responde a pergunta, com uma ênfase na ação de zelar e uma explicação do porquê deste zelo: porque os Filhos de Israel abandonaram a aliança de Deus e restou apenas Elias fiel. Em seguida a Palavra do Senhor dá uma ordem para Elias: “Saia!” A fala se resume a isto: “Saia, e ficarás de pé, no monte, diante da face de Javé”. Em seguida continua a descrição da cena, onde Javé está na brisa suave<sup>22</sup>.

No v. 13 é apresentada a atitude de Elias quanto a este passar de Javé; ele, ao ouvir (verbo infinitivo ligado com uma preposição que indica o tempo: quando), sai da caverna, cobre o rosto e fica de pé na entrada desta caverna. Então

---

<sup>17</sup> OWENS, 1994, p. 510.

<sup>18</sup> SCHÖKEL, Luis A. **Dicionário Bíblico Hebraico-Português**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004, p. 182.

<sup>19</sup> OWENS, 1994, p. 510.

<sup>20</sup> OWENS, 1994, p. 511.

<sup>21</sup> OWENS, 1994, p. 511; SCHÖKEL, 2004, p. 478.

<sup>22</sup> OWENS, 1994, p. 511-512.

uma voz lhe vem, possivelmente da Palavra de Javé, repetindo a pergunta do v. 9; e Elias, repetindo a resposta do v. 10.

Depois são dadas novas ordens para Elias: caminha e volta (no imperativo)! E quando Elias chegar neste destino ele ungirá dois reis e um profeta (os verbos para “ungir” não estão no imperativo, mas no imperfeito, apontando para uma ação futura).

E no v. 17 a fala de Javé continua; ele apresenta as ações dos ungidos. E no v. 18 encerra-se a fala de Javé, onde ele apresenta a sua obra: Javé fez restar pessoas fiéis a ele<sup>23</sup>.

Quanto à forma do texto, podemos defini-lo como uma narrativa histórico-teológica (pois sua função não é meramente descrever um fato histórico, mas ela tem intenções teológicas; segundo Schmidt, é contada uma história de culpa<sup>24</sup>). Há verbos em terceira pessoa, descrevendo cenas; e também há falas de personagens da narrativa, com ameaças, preces, interrogações e suas respectivas respostas<sup>25</sup>.

Alguns veem a narrativa de Elias como uma lenda, onde o protagonista é apresentado como uma figura exemplar, neste caso, Elias é esta figura. A palavra do protagonista é forte e capaz de transformar-se em acontecimento (como em 1 Rs 18). Por isso consideramos o texto uma narrativa histórico-teológica da lenda de Elias<sup>26</sup>.

## 1.2 Contexto

Neste passo trabalharemos o contexto literário e histórico, a estrutura, delimitação e integridade do texto.

Há a possibilidade das expressões “monte de Deus” (הַר אֱלֹהִים) e “Deus dos exércitos” (אֱלֹהֵי צְבָאוֹת) serem um acréscimo, devido ao uso incomum do termo “Deus” na perícopie. Esta suspeita se intensifica pela possibilidade da narrativa de Elias, assim como a de Eliseu, ter se constituído de um ciclo narrativo à parte,

---

<sup>23</sup> OWENS, 1994, p. 512-513.

<sup>24</sup> SCHMIDT, Werner H. **Introdução ao Antigo Testamento**. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

<sup>25</sup> SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de Exegese Bíblica**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 192-193.

<sup>26</sup> SILVA, 2009, p. 190-193.

antes de ser unificado pela obra historiográfica deuteronômista (dtr). Porém isto é apenas uma hipótese e não altera a compreensão do texto<sup>27</sup>. Mas, ainda assim, a perícopo forma uma unidade coesa, com início, meio e fim.

Dividiu-se a perícopo em 3 partes: “Elias está em depressão” (vv. 1-5a), “Elias experimenta a terapia de Javé” (vv. 5b-14) e “Elias ganha nova perspectiva” (vv. 15-18)<sup>28</sup>.

Delimitou-se a perícopo desta maneira porque na anterior o foco é o milagre feito por Elias, e na perícopo posterior é o seguimento de Eliseu. Enquanto que na perícopo estudada o foco é a crise do profeta.

O contexto maior da perícopo é o período dos reis, que engloba desde 1 Sm até 2 Rs. Este período vai desde o nascimento do profeta Samuel e o primeiro rei, Saul, até o libertar do rei Joaquim pelo Império Babilônico. Nos livros de Reis é apresentado o reinado dos reis de Judá e de Israel, no norte e sul, respectivamente. As narrativas de Elias, assim como de outros profetas, são uma quebra nesta sequência de apresentação da monarquia<sup>29</sup>. Agora foca-se em acontecimentos durante o reinado de Acabe em Israel (que é aproximadamente de 871/870-852/851 a.C.), que casou com Jezabel, uma fenícia, filha do rei de Tiro<sup>30</sup>.

Acabe foi um rei da dinastia onrida<sup>31</sup>, filho do rei Onri. O texto apresenta-o como um rei que fez o que era mau perante o Senhor (v 16.30)<sup>32</sup>. A política onrida

---

<sup>27</sup> SCHMIDT, 2009, p. 134-135, 137, 155.

<sup>28</sup> Estas partes ainda podem ser subdivididas: na primeira parte temos “a ameaça” (vv. 1-2) e “a reação do profeta” (vv. 3-5a); na segunda parte temos “a primeira ordem do anjo” (vv. 5b-6), a “segunda ordem do anjo” (vv. 7-8) e “o diálogo com a Palavra de Deus” (vv. 9-14); e na última parte temos “a tarefa do profeta” (vv. 15-17) e “os outros fiéis”. Estes dois últimos, “a tarefa do profeta” e “os outros fiéis”, fazem paralelo com a resposta de Elias para a Palavra de Deus nos vv. 10 e 14, onde ele se queixa de seu zelo excessivo e sua solidão.

<sup>29</sup> GUNNEWEG, Antonius H. J. **História de Israel**: dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor até os nossos dias. São Paulo: Teológica, Loyola, 2005, p. 163.

<sup>30</sup> GUNNEWEG, 2005, p. 173-174.

<sup>31</sup> Esta dinastia e sua política sincretista vão até o reinado de Jeú (que sobe ao trono em 845/4 a.C. e massacra a família dos onridas), o qual Deus manda Elias ungir no v. 16, mas se torna rei apenas com o profeta Eliseu. GUNNEWEG, 2005, p. 178-179.; NOTH, Martin. **Geschichte Israels**. 2. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1954, p. 210.; METZGER, Martin. **História de Israel**. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1984, p. 89.

<sup>32</sup> Segundo Gunneweg, e também outros autores, isto não faz justiça às obras do rei e sua importância. Todos os onridas se destacaram em questões políticas. A crítica dos conservadores fiéis a Javé acontece pelo fato destes terem favorecido o culto a outras divindades, terem construído outro santuário em santuários para outros deuses; isto

e seu casamento o levaram a ser considerado idólatra, e, conseqüentemente, a trazer a idolatria para Israel: “[...] e serviu a Baal, e o adorou.” (v. 16.31). Neste contexto idólatra inicia-se a narrativa de Elias.

Primeiro Elias profetiza uma seca em nome de Deus e esta leva aos acontecimentos posteriores: Elias é sustentado por Deus, depois é sustentado através de uma viúva, a qual ele ajuda, Elias é mandado até Acabe para anunciar o retorno da chuva e depois ele enfrenta os profetas de Baal, que acabam sendo mortos no final de 1 Rs 18. O profeta já inicia seu ministério com uma profissão de fé: “Tão certo como vive o Senhor [...]” (v. 17.1; 18.15). Também outras pessoas perceberam essa fé (17.12; 18.10). Elias é reconhecido, pelas pessoas pelas quais ele clamou a Deus, como um homem de Deus, em cuja boca está a Palavra do Senhor (17.24). Por meio dele, o único profeta fiel a Javé que vivia, muitos reconhecem Javé como o verdadeiro Deus e se colocam contra a idolatria e o culto a Baal (18.21-40). E, após este reconhecimento, volta a chover em Israel; mas ainda assim, a morte dos profetas de Baal causa a ameaça da rainha Jezabel.

Na perícopos posterior, Elias encontra-se com Eliseu, que o segue. E dali em diante Elias ainda aparece, mas é complicado identificar quando se fala do profeta Elias, ou se ainda se fala de outro profeta em outro período. Mas não será relevante discutir isto neste trabalho.

Elias combate a idolatria em sua atuação; a seca é a denúncia da idolatria e da adoração a Baal, mostrando que este não é deus verdadeiro<sup>33</sup>. A adoração a este deus era muito forte. Ele é considerado o deus das condições climáticas (é aquele que manda a chuva, mas que deixou o povo na seca). Há um confronto de Javé e Baal na atuação de Elias (também na nossa perícopos, onde diferente de Baal, Javé não está na tempestade, vento forte e fogo, mas na brisa suave).

O livro de Reis se encontra dentro do complexo da dtr<sup>34</sup> (que abrange outros livros: Js, Jz, 1 e 2 Sm e 1 e 2 Rs); que provavelmente é obra de uma escola. Porém, como já foi dito, a lenda de Elias pode ter sido uma narrativa isolada antes

---

tudo porque queriam promover a paz entre israelitas e cananeus. Também com a nação de Judá eles tiveram uma política de paz. GUNNEWEG, 2005, p. 176-177, 179; METZGER, 1984, p. 83-85.

<sup>33</sup> METZGER, 1984, p. 85.

<sup>34</sup> Esta obra provavelmente surge logo após os seus relatos no final de 2 Rs, provavelmente ainda durante o exílio (por volta de 560 a.C.), porém não na Babilônia e sim na Palestina, diferente do Escrito Sacerdotal (P). A obra faz uma interpretação da história a partir das suas intenções teológicas. SCHMIDT, 2009, p. 137.

de ser anexada ao dtr. A história da redação distingue três camadas redacionais na obra: a fundamental (fala sobre a monarquia), a profética (onde se encaixa a nossa perícopes) e a que diz respeito à lei<sup>35</sup>. A obra conta a história de culpa do povo, tanto do Norte como do Sul, que levou ambos para seus exílios. A ênfase recai sobre a observância do primeiro e segundo mandamentos (adoração exclusiva a Javé e construção de imagens)<sup>36</sup>. Outra ênfase, que segundo a obra dtr levou ao exílio no Norte, foi o desvio do templo central de Jerusalém, que já se inicia com Jeroboão, o primeiro rei no Norte<sup>37</sup>.

Porém a perícopes estudada, apesar de falar da idolatria, se concentra mais na crise do profeta que foi fiel a Javé, em meio à idolatria, e não tanto em denunciar a idolatria do povo. Ele fala da abscondicidade e revelação de Deus para este profeta.

Alguns estudiosos veem o dtr como uma obra que fala apenas do passado, sem apresentar expectativas e esperanças futuras, para além do exílio. Outros discordam desta tese, como G. Von Rad e H. W. Wolff. Olhando para a perícopes estudada, podemos ver a falta de esperança para o futuro na atitude de Elias, mas ao mesmo tempo Javé vem ao seu encontro para lhe dar novas esperanças e perspectivas (a partir de um olhar para o passado e presente, v. 18), especialmente nos vv. 15-18<sup>38</sup>. A falta de esperança leva Elias à crise, mas Javé traz nova esperança. Neste sentido, o dtr apresenta esperanças futuras em meio a perdição do povo.

### 1.3 Intertextualidade

Neste tópico veremos a relação que a perícopes tem com outros textos, principalmente com Ex e Dt. A aliança de Deus feita com Moisés no Sinai, ou no Horebe, é central. Várias figuras desta tradição são retomadas pelo dtr em 1 Rs 19.

Temos os mandamentos<sup>39</sup>, especialmente o 1º e 2º, por detrás do texto,

---

<sup>35</sup> SCHMIDT, 2009, p. 137.

<sup>36</sup> SCHMIDT, 2009, p. 138-139.

<sup>37</sup> SCHMIDT, 2009, p. 140-141.

<sup>38</sup> SCHMIDT, 2009, p. 142-143.

<sup>39</sup> Tanto em Ex 20 com em Dt 5. Estas passagens centrais no Antigo Testamento, que são base para falar da salvação, isto é, o Êxodo. Inclusive, em Dt 6.4-5, temos a confissão de fé judaica, o *Shema Israel*, que ressalta o monoteísmo. O povo não deve se esquecer da sua salvação do Egito e cair na idolatria (Dt 6.12, 14).

apontando para a idolatria. O dt, de forma geral, reivindica a exclusividade de Javé. Dt 5 repete a lei dada por Javé em Ex 20; esta aliança, firmada no Sinai ou no Horebe, se estende também para a geração de Elias (Dt 5.3). Moisés lembra, em Dt, que Javé se manifestou face a face com o povo, do meio do fogo, onde ele estava de pé entre o povo e Deus (Dt 5.4-5), e em seguida anuncia os mandamentos (Dt 5.6-21)<sup>40</sup>. Há vários paralelos com 1 Rs 19: o monte Horebe, a aliança, que agora foi abandonada, o estar face a face com Deus, o estar de pé diante de Deus.

Em Ex temos paralelos com o texto estudado, como: a lei dada no Sinai/Horebe, a aliança com Moisés, o maná (Ex 16) que sustenta durante 40 anos (Ex 16.32, 35) no deserto (em relação ao pão que sustentou Elias 40 dias e 40 noites no deserto), os mandamentos, a posse da terra e o cuidado com os povos pagãos e sua idolatria (Ex 23.20-33 – onde aparece a figura do pão e água), Moisés fica 40 dias no Sinai/Horebe (Ex 24-31), a idolatria (o bezerro de ouro em Ex 32) que leva Moisés para uma crise (Ex 33.12-16, 17-23), Moisés, na crise, pede pela face de Deus e este passa diante dele quando está na fenda de uma rocha (Ex 33.18). Estas semelhanças mostram que Javé lembra Elias de sua aliança e não a esquece: isto faz parte da terapia de Javé. Deus lembra Elias da sua salvação, presença e sustento.

Também Jesus passou por crise na cruz, onde clamou: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mt 27.46). Cristo sente a abscondicidade de Deus por causa do pecado humano, que não reconhece Deus. Da mesma maneira Elias perde a esperança e sente a abscondicidade de Deus, por causa da incredulidade do povo. Nesta crise de Cristo temos a demonstração da sua humanidade; nela enxergamos a nossa humanidade, enxergamos quem nós somos ao olharmos para nossa situação de pecadores, de humanos.

#### 1.4 Conteúdo

Neste ponto analisaremos o campo semântico de algumas palavras centrais para aprofundarmos mais a perícopes e sua colaboração teológica e pastoral. O nome Elias (de אֵלִיָּהוּ) significa “Javé é Deus”; ele é uma junção de

---

<sup>40</sup> O povo deve cuidar para cumprir tudo o que Javé mandar para que vivam, para que lhes suceda bem, e para que se prolonguem os dias na terra em que vão possuir (Dt 5.33) – aqui vemos a acusação de desobediência aos que foram parar no exílio: O senhor é o único Deus, ame ao Senhor (Dt 6.4-5)! Em Dt 5-6 é falado várias vezes sobre obedecer para permanecer na terra.

duas palavras: Javé (יהוה) e Deus (אל)⁴¹.

Três vezes aparece a palavra מַלְאָךְ⁴², traduzida por “anjo” nos vv. 5 e 7, e por “mensageiro” no v. 2. O mensageiro enviado por Jezabel é um ser humano, enquanto que o outro mensageiro é entendido como um anjo⁴³, que representa o próprio Javé e apresenta um aspecto de sua glória. O mensageiro de Jezabel leva uma mensagem de ameaça e morte, enquanto o anjo lhe traz, nas duas vezes que aparece, uma tarefa e sustento para viver. Podemos perceber o contraste entre o mensageiro de Jezabel e o do Senhor: o primeiro ameaça de morte e o segundo vem para garantir a vida.

O termo נַפְשׁ⁴⁴ é muito amplo e já gerou muitas discussões quando traduzido por alma, devido a compreensão tripartida grega. Ele foi usado 6 vezes na perícopes (2 vezes no v. 2 e no vv. 3, 4, 10, 14), e apenas no v. 4 é traduzido por alma. Seu significado pode ser também: vida (como é traduzido nos demais versículos), criatura, pessoa, ser⁴⁵. Elias deseja a morte do seu ser, de sua personalidade, sua existência.

O termo עָמַד⁴⁶ expressa a ação de erguer-se (levantar de uma situação prostrada), mas também pode ser usado em um sentido figurado. Ele é usado 4 vezes na perícopes, a primeira em reação a ameaça de Jezabel e as outras no contexto do anjo que fala com Elias. Na perícopes é usada no sentido de se erguer, da situação que Elias estava deitado, no sentido de se preparar para a longa viagem

⁴¹ PETERSEN, William J. **Elias**: um homem nas mãos de Deus. São Paulo: Vida Nova, 1993. p. 15.

⁴² מַלְאָךְ pode ser um mensageiro humano ou sobrenatural, neste caso, um anjo, que representa Deus. A sua mensagem pode constituir-se de uma palavra ou uma tarefa. BOWLING, Andrew. In: HARRIS, 1998, p. 762-763.

⁴³ Há um amplo debate sobre a figura do “anjo do Senhor”, pois muitas vezes ele parece ser o próprio Senhor e fala em nome de Deus na primeira pessoa, como acontece na perícopes, onde em um momento é o anjo que fala e em seguida é a Palavra de Javé. BOWLING, Andrew. In: HARRIS, 1998, p. 763.

⁴⁴ O termo está ligado com o respirar/fôlego e com a garganta, e neste sentido, com a vida da/na pessoa. E também está relacionado com o apetite/fome/desejo/vontade; a alma é a dona da vontade. A נַפְשׁ é a vida do indivíduo, sua personalidade, sua vontade, sua existência pessoal: seu eu (vai além da vida física, aponta para a totalidade do ser). WALTKE, Bruce K. In: HARRIS, 1998, p. 982-984.

⁴⁵ WALTKE, Bruce K. In: HARRIS, 1998, p. 981; COPPES, Leonard J. In: HARRIS, 1998, p. 1331-1332.

⁴⁶ Também tem o sentido de se preparar para uma viagem, ou para a guerra ou assumir algum cargo. COPPES, Leonard J. In: HARRIS, 1998, p. 1331-1332.

que o profeta tinha pela frente e também no sentido de se levantar de sua situação (de se motivar), onde ele esperava a morte.

מִדְּבָר <sup>47</sup> pode ser traduzido por deserto. Os desertos mencionados no texto são: o do Sinai (que não é chamado de deserto, porém sabemos que a região é deserta), o de Beerseba, e o de Damasco. Devemos entender o termo também como uma expressão de morte e de solidão, tanto solidão em meio ao mundo idólatra como solidão de Deus.

Esta solidão é expressa por בָּר (só, sozinho) que vem de בָּרַד <sup>48</sup>. No caso de Elias o termo tem uma conotação negativa, expressando solidão na adoração a Javé (juntamente com a figura do deserto). Elias sente-se o único fiel à Javé: restei apenas eu. A solidão em relação a sua comunidade é também uma solidão em relação a Deus.

בָּרָא <sup>49</sup> pode ser traduzido como basta, “é demais para mim” ou é suficiente. Expressa uma sobrecarga, que levou Elias a crise, chegando ao ponto de pedir a morte<sup>49</sup>.

O termo מוֹת <sup>50</sup> descreve o morrer. A morte que Elias deseja para si é a morte do seu ser (vai além do físico), de sua נַפְשׁ. A morte é a ameaça a vida de Elias e se torna objeto de seu desejo. “Deitar-se”, do verbo שָׁכַב <sup>51</sup>, deve ser entendido junto com a ação de dormir e com o desejo de morte. O deitar-se acontece literalmente e expressa o esperar da morte. “Dormir”, de ישָׁן <sup>52</sup>, está ligado com o deitar-se. Tem um sentido literal e ajuda a intensificar o sentido de morrer, já que às vezes é usado

---

<sup>47</sup> Descreve terrenos de pastagem, terras não habitadas e áreas extensas onde há poucas cidades e oásis. Desertos como o do Sinai tem um bom número de oásis. Também tem sentido figurado: de estar longe de Deus. KALLAND, Earl S. In: HARRIS, 1998, p. 297.

<sup>48</sup> Significa: só, sozinho, somente, solitário. No sentido de ficar separado ou isolado. Pode ter conotação positiva (a exclusividade de Javé, por exemplo), neutra ou negativa (solidão). GOLDBERG, Louis. In: HARRIS, 1998, p. 149-150.

<sup>49</sup> WHITE, William. In: HARRIS, 1998, p. 1390.

<sup>50</sup> Pode ser morte por causas naturais ou violentas. Expressa, de modo geral, a morte física. Está ligado com o pecado do ser humano, que leva ao afastamento de Deus. GOLDBERG, Louis. In: HARRIS, 1998, p. 149.

<sup>51</sup> Pode ter, além do sentido literal, o sentido de jazer/morrer ou ter relações sexuais. HAMILTON, Victor P. HARRIS, 1998, p. 1555.

<sup>52</sup> O sono pode ser uma bênção, que traz descanso e refrigério, mas também tem um lado ruim (Pv 6.10ss, 20.13). O sono pode mostrar a inatividade, como em 1 Rs 18, falando da inatividade de Baal. Ele pode designar a morte. HARTLEY, John E. In: HARRIS, 1998, p. 679-680.

para falar da morte.

## 2 CRISE NO MINISTÉRIO

Agora, nesta segunda parte, discutiremos sobre crise ministerial, a partir da análise exegética de 1 Rs 19 e de alguns autores que trabalharam sobre a vida de Elias.

### 2.1 Necessidade de cuidado

Na literatura que aborda o cuidado, o pastoreio, a poimênica e a liderança, pouco se fala sobre a necessidade de cuidar daqueles que cuidam. A perspectiva de que os cuidadores precisam de cuidado não faz parte da mentalidade das comunidades, possivelmente porque muitas vezes o cuidador é visto como um herói. Até mesmo obreiros se esquecem dessa realidade. Faria afirma sobre o obreiro:

Pressionado a não viver sua humanidade, nega seu cansaço, seus sentimentos de tristeza e fracasso, seu sofrimento, descuida de aspectos importantes de sua vida e submete-se em nome da “Obra do Senhor” (e de acordo com a visão de ministério) a um ativismo alienante que pode levá-lo a uma vida extremamente solitária.<sup>53</sup>

Elias também é visto por muitos como um herói, porém a sua crise em 1 Rs 19 mostra que a realidade do cuidador não é esta. Tiago nos afirma sobre Elias: “Elias era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos [...]” (Tg 5.17). Assim notamos que grandes homens usados por Deus, como Elias, são humanos como cada um de nós; e, da mesma maneira que nós, o profeta também viveu em meio a um mundo idólatra e sincretista<sup>54</sup>. Também os heróis precisam de cuidado na crise. Atiencia afirma:

Nós mesmos nos convencemos de que é impossível que um pastor, um líder ou um servo de Deus fique deprimido, e por isso mascaramos nosso próprio estado emocional. A depressão é possível nos outros: nos enfermos,

---

<sup>53</sup> FARIA, Almir L. de. Ética pastoral como fruto da vocação relacionamento com a igreja local. In: **Psicologia e ajuda pastoral**. São Paulo: Nascente, 1980, p. 7.

<sup>54</sup> PETERSEN, 1993, p. 9-10, 17.

nos fracos. Do pastor e do líder, contudo, sempre se espera equilíbrio, sobriedade. Dos ‘fortes’ esperamos uma estabilidade temperamental que mantenha tudo em ordem.<sup>55</sup>

Janaina Schroeder chama a atenção para esta realidade de que o cuidado pastoral não deve estar voltado apenas para o próximo, mas também para o cuidado consigo mesmo. Por causa do desgaste do cuidado para com os outros, o cuidador precisa se dedicar ao cuidado de si mesmo: “cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo os colocou como bispos, para pastorearem a Igreja de Deus que ele comprou com o seu próprio sangue” (At 20.28)<sup>56</sup>. Nesta passagem vemos que o cuidado para consigo mesmo auxilia e leva ao cuidado para com o próximo. Para desenvolver o cuidado com o outro é necessário estar bem cuidado consigo mesmo<sup>57</sup>.

O profeta Elias entra em crise apesar de suas certezas em relação a Deus: da certeza de que Deus está vivo (1 Rs 17.1), de que Javé é rei (e de que ele é seu servo – esta ideia está contida na expressão “perante cuja face estou”, em 1 Rs 17.1), e de que sua palavra é verdadeira (sua confiança e fé em Deus)<sup>58</sup>. A fé não exclui a possibilidade de crise, mas a fé permite haver uma crise. Se Elias não tivesse fé ele não teria passado por crise.

## 2.2 O que pode levar à crise

O objetivo deste trabalho é fazer uma abordagem a partir de 1 Rs 19. Porém existem outros fatores que podem levar à crise no ministério, mas que não serão abordados aqui. Para um aprofundamento sobre estes é recomendável a leitura do artigo de Wehrmann e Streck (estes autores levantam temas como: a família do obreiro, dinheiro, pergunta pela vocação, solidão, etc.). Eles também tratam a terapia a partir de um enfoque bíblico-teológico, levando em conta

---

<sup>55</sup> ATIENCIA, Jorge. **Homens de Deus**. São Paulo: ABU; Curitiba: Encontro, 1999, p. 14.

<sup>56</sup> SCHROEDER, Janaina E. **Cuidando dos pastores**: subsídios para a tarefa de pastorear pastores. São Bento do Sul: FLT, 2008, p. 11.

<sup>57</sup> SCHROEDER, 2008, p. 12.

<sup>58</sup> PETERSEN, 1993, p. 28-30. Também Jaime Kemp apresenta estas três certezas de Elias no primeiro capítulo de seu livro: KEMP, Jaime. **Pastores ainda em perigo**: ajuda para o pastor, esperança para a Igreja. São Paulo: SEPAL, 1996, p. 14-19.

diversos textos bíblicos<sup>59</sup>. Também Jaime Kemp aborda fatores que podem levar ao estresse no ministério<sup>60</sup>.

Na experiência de Elias podemos perceber que foram vários os fatores que o levaram à crise. De um momento para o outro vemos um contraste enorme em Elias. Enquanto está no monte Carmelo enfrentando os 450 profetas de Baal, Elias mostra sua coragem e fê realizando feitos grandiosos. Mas no momento em que a notícia da morte dos profetas de Baal chega até Jezabel e esta ameaça Elias, este não vê outra saída além de fugir. O profeta que antes demonstrara o poder de Deus em sua oração, pedindo fogo do céu, e que havia orado pela cura do filho da viúva, agora mostra desespero. Elias, temendo, foge para salvar a sua vida<sup>61</sup>.

Após fugir, o profeta encontra-se debaixo de um zimbro, no deserto, e ali deseja a morte. Elias entra em depressão; ele não vê mais sentido em sua vida, nem em suas atitudes realizadas até este momento. E Elias não é o único grande profeta que chega ao ponto de desejar a sua própria morte<sup>62</sup>. Jeremias afirma: “Maldito o dia em que nasci” (Jr 20.14). Aqui vemos a fraqueza e o medo humano; a realidade humana<sup>63</sup>. Ainda temos outros líderes que entraram em crise, como já mencionamos: a crise de Moisés em Ex 33 é semelhante à de Elias e as crises do próprio Cristo, na cruz, no Getsemani e quando foi abandonado pelos discípulos (em Jo 6).

Ao mesmo tempo em que Elias foge para salvar a sua vida ele também deseja a sua morte. Ele não tem mais perspectivas para sua existência, apesar de não querer que as coisas fossem deste jeito. O profeta encontra-se confuso e exausto de sua vida, por isso declara: “Basta!”.

---

<sup>59</sup> STRECK, Edson E.; WEHRMANN, Günter K. F. Obreiros podem falar de seus conflitos? IN: **Estudos Teológicos**. Ano 28 n. 3. São Leopoldo: Sinodal, 1988, p. 263-281.

<sup>60</sup> KEMP, 1996, p. 14-19.

<sup>61</sup> ATIENCIA, 1999, p. 11-12.

<sup>62</sup> Talvez seja possível caracterizar a crise de Elias como síndrome de *Burnout*, a síndrome da desistência e da exaustão. Nesta síndrome, o indivíduo possui uma exaustão emocional, dando uma sensação de esgotamento, que o leva a uma despersonalização (indiferença no contato interpessoal) e a uma redução da realização profissional-emocional. KÜHNRIK, Roseli M. de O.; HEIMANN, Thomas. **Cuidando de cuidadores**: um olhar sobre os profissionais de ajuda a partir do conceito de cuidado integral. In: NOÉ, Sidnei V. (org.). **Espiritualidade e Saúde**: da cura d'almas ao cuidado integral. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 94.

<sup>63</sup> KÜHNRIK, Roseli M. de O.; HEIMANN, Thomas. In: NOÉ, 2005, p. 13-14.

Outra característica da crise de Elias é o seu isolamento, a sua solidão, da qual ainda falaremos mais adiante. Ao fugir, Elias deixa o seu ajudante, o seu jovem, e segue a viagem só. Esta atitude de isolamento é típica na depressão. E o profeta se retira para o deserto, se ausentando. Assim como um deprimido, Elias nem ao menos quer sair desta depressão, mas quer morrer nela<sup>64</sup>.

Mas o que leva Elias a esta crise? Petersen aponta para quatro causas da crise de Elias: a fadiga, as falsas esperanças, a desilusão com o povo de Deus e a miopia<sup>65</sup>.

### 2.2.1 A fadiga

A fadiga é o cansaço e desgaste físico, o qual tem consequências para o desgaste espiritual do profeta. Sua ação nos capítulos anteriores, especialmente sua experiência no monte Carmelo, o deixou exausto e esgotado fisicamente. E, após isto, Elias foi até Jezreel, e depois para Beerseba, dali em diante caminhou mais um dia no deserto. O ativismo do profeta não lhe permitia descanso para a renovação de suas forças físicas. Por isto o profeta não tinha mais condições de continuar o seu caminho, mas precisava descansar<sup>66</sup>. A ênfase no verbo zelar (ser extremamente zeloso), no vv. 10 e 14, reflete um pouco do ativismo do profeta, o qual ele mesmo reconhece em seu diálogo com Deus.

Nos mandamentos, dados no Sinai para Moisés, Deus reconhece a necessidade de descanso do ser humano, aliás, o descanso humano está fundamentado no descanso do próprio Deus em Gn 1-2.3. Jesus também reconhece a necessidade de descansar em Mc 6: quando os discípulos voltaram, após tê-los enviado de dois em dois, Jesus os chama para descansar, para repousar em um lugar deserto (Mc 6.31). Mas ao mesmo tempo Jesus reconhece, um pouco antes deste episódio, a quantidade de trabalho no reino de Deus, expressada na figura dos campos que já branquejam para a ceifa. Isto significa que apesar da quantidade de trabalho no reino de Deus, é necessário repousar.

Para que esta fadiga causada pelo excesso de trabalho não venha a atrapalhar o próprio trabalho, tornando-o cansativo e exaustivo, é necessário que haja um descanso para a recuperação das forças. Petersen diz: “Na vida de qualquer cristão é necessário reservar espaço para a recuperação tranquila depois

---

<sup>64</sup> ATIENCIA, 1999, p. 15

<sup>65</sup> PETERSEN, 1993, p. 107-111.

<sup>66</sup> PETERSEN, 1993, p. 107-108.

de uma atividade espiritual.” (1993, p. 108).

Dia de descanso, férias, tempo dedicado à família, tempo para meditar na Palavra e orar, fazem parte do trabalho<sup>67</sup>.

O descanso faz parte do ministério, da obra do reino de Deus e da vontade de Deus. Nele também reconhecemos nossa humanidade e deixamos “Javé ser Deus”, pois o descanso é expressão de confiança, de que ele tem cuidado de nós. No Sl 40.17, o salmista, ao reconhecer sua humanidade e dependência de Deus, faz de Deus o seu cuidador: “Eu sou pobre e necessitado, porém o Senhor cuida de mim; tu és o meu amparo e o meu libertador; não te detenhas, ó Deus meu!”.

### 2.2.2 Falsas esperanças

O episódio anterior, no monte Carmelo, onde muitos reconhecem Javé como o verdadeiro Deus através da ação do profeta, pode ter dado a Elias a ideia de que tudo estaria resolvido quanto à idolatria. A esperança de que tudo se resolveria e não haveria mais problemas. Mas, ao se deparar com a ameaça de Jezabel, que era fiel ao deus Baal, apesar de Javé ter mandado a chuva, Elias vê as suas esperanças frustradas<sup>68</sup>.

A esperança de que, por meio de nossas atitudes, tudo será resolvido e o mundo será mudado são falsas esperanças. Por vezes confiamos demais em nós mesmos ou até mesmo colocamos uma expectativa muito grande para o agir de Deus na vida das pessoas. Porém, poucas vezes vemos o fruto de nosso trabalho de forma concreta. Elias pensa da mesma maneira: “depois de tudo o que fiz, eles não se arrependem e ainda procuram tirar a minha vida”.

Algumas pessoas, nos capítulos anteriores, até reconhecem Elias como representante de Javé; reconhecem até que Javé vive, a partir das atitudes de Elias. Mas o que desanima Elias é que mesmo assim isto não faz diferença na vida delas; reconhecem que Deus vive, mas não o reconhecem como seu Deus pessoal, ele é apenas Deus do profeta (1 Rs 17.12; 18.10). Elias percebe que não consegue mudar a realidade com seus grandes feitos, nos quais estava o seu foco até agora; o foco de seu ministério estava errado, estava em si mesmo e em suas grandes atitudes.

A comparação que Elias faz de si mesmo com seus pais, considerando-

---

<sup>67</sup> STRECK; WEHRMANN, 1988, p. 268.

<sup>68</sup> PETERSEN, 1993, p. 108.

se inferior, mostra uma baixa autoestima, um sentimento de inutilidade, e revela que Elias colocava o foco do ministério em si mesmo. A comparação no ministério, com outros pastores, ou com quem for, juntamente com as esperanças frustradas, também podem levar à baixa autoestima e à depressão, e revelar que o foco do ministério está em nós mesmos. Afinal, Elias estava servindo ao Senhor para si mesmo, para ser melhor que alguém, ou para os propósitos de Deus?

As falsas esperanças podem levar ao excesso de trabalho, e conseqüentemente à fadiga, vistos acima. Na esperança de colher frutos com nossas próprias forças lança-se ao trabalho, porém quando os frutos não são vistos cai-se em depressão<sup>69</sup>.

No artigo Obreiros podem falar de seus conflitos?, de Streck e Wehrmann, os autores falam que os cuidadores, que vivem anunciando a salvação por graça e não por obras, também precisam viver a partir da graça, e não de suas obras; não devem depositar sua fé em si mesmos e suas atitudes<sup>70</sup>.

### 2.2.3 Desilusão com o povo de Deus

A desilusão com o povo de Deus se assemelha ao tópico anterior. Porém aqui não se pensa na decepção com agir de Deus transformando por meio da atitude do profeta, mas se pensa no abandono da aliança por parte do povo de Deus, o povo que era fiel a Javé: “abandonaram tua aliança, teus altares demoliram e teus profetas mataram pela espada”. Onde estão aqueles que eram fiéis a Javé?

Esta é a crítica de Elias, a qual ele apresenta a Deus: todos abandonaram a aliança e eu estou só. Elias se decepçiona com o povo de Israel, os que dizem ser o povo de Javé. Há pouco tempo Elias ouviu o povo gritar e reconhecer Javé como Deus, em 1 Rs 18, mas agora ele se sente só. A confissão do povo parece não ter sido sincera; e suas atitudes parecem hipócritas. Elias percebe que não pode confiar nas pessoas<sup>71</sup>.

Esta decepção leva para a solidão: “E restei apenas eu”. Elias se sente sozinho em meio a um povo idólatra. Mas ao mesmo tempo em que ele se queixa da solidão, ele também evitava o contato com as pessoas; ele deixou o seu ajudante no caminho para seguir solitário. Assim não teve amigos íntimos com quem pudesse conversar sobre suas dificuldades, alguém que pudesse cuidar do

<sup>69</sup> STRECK; WEHRMANN, 1988, p. 265-266.

<sup>70</sup> STRECK; WEHRMANN, 1988, p. 263-264.

<sup>71</sup> PETERSEN, 1993, p. 109.

cuidador. A desilusão levou para a solidão<sup>72</sup>: “Uma característica da depressão é o isolamento”<sup>73</sup>.

Bonhoeffer alerta, em seu livro *Vida em comunhão*: “A pessoa que não suporta a solidão deve tomar cuidado com a comunhão” e “a pessoa que não se encontra na comunhão, que tome cuidado com a solidão”. A solidão é importante, mas não pode se transformar em isolamento, desencadeado a partir da frustração<sup>74</sup>.

A solidão de Elias acontece tanto em relação a pessoas que o decepcionam, como também em relação a Deus, pois ele não vê o agir de Deus, mas a sua abscondicidade. O deserto ilustra bem isso, pois ali o profeta não tem a presença de pessoas e ali se crê que Javé não habita, mas é lugar de caos. A abscondicidade de Deus faz parte da solidão do profeta; conseqüentemente, a presença de um cuidador, como o anjo do Senhor ou de alguém outro que representa o cuidado de Deus, traz de volta a presença do próprio Deus.

Quando colocamos nossa confiança e a base da nossa fé e de nosso ministério em pessoas, que julgamos serem fiéis e fortes, certamente iremos nos frustrar, pois os fortes também passam por crises. Podemos ter pessoas como exemplo em nosso ministério, porém não podemos tê-los como base do nosso ministério. A motivação e base do ministério deve ser o próprio Deus e sua aliança conosco.

Porém não podemos nos isolar e viver uma fé sem comunhão. Como veremos mais adiante, Deus mostra para Elias que ele não é o único fiel, revelando assim a importância da comunhão entre o cuidador e outros fiéis. Na crise é importante estar na comunhão, para que irmãos possam ser cuidadores do cuidador.

#### 2.2.4 Miopia

Aqui Petersen usa uma figura de linguagem. Quando ele fala de miopia ele está dizendo que Elias não está enxergando o todo da história e do agir de Deus nesta história. Ele enxerga apenas o deserto a sua frente. Elias precisa enxergar a longa e curta distância<sup>75</sup>.

O cuidador, e todo o cristão, precisam desenvolver uma visão bifocal;

---

<sup>72</sup> PETERSEN, 1993, p. 110.

<sup>73</sup> ATIENCIA, 1999, p. 15.

<sup>74</sup> BONHOEFFER, Dietrich. **Vida em Comunhão**. 7. Ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009, p. 65-66.

<sup>75</sup> PETERSEN, 1993, p. 110.

segundo Peterson: é preciso enxergar o bem e o mal. Não enxergar apenas o mal, mas ter a confiança de que “todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus” (Rm 8.28). Isto significa enxergar a presença de Deus em sua abscondicidade, e não apenas o deserto da ausência de Deus e do próximo<sup>76</sup>.

Isto implica em confiança em Deus em qualquer situação, pois ele está no controle das situações, também, conduzindo pelo vale da sombra da morte<sup>77</sup>. Conforme o Sl 23, o Senhor não deixa faltar nada ao seu rebanho; e deste rebanho também o cuidador faz parte. Também no vale da sombra da morte, o pastor, que é Javé, está cuidando de seu rebanho. O que Petersen quer dizer é que o cuidador precisa reconhecer em Deus o seu cuidador, o bom pastor (Jo 10.11). Este reconhecimento se dá olhando para Cristo.

### **2.3 Cuidadores em crise precisam de terapia**

Cuidadores também passam por crises, e por isso precisam ser cuidados nesta crise. Elias também passou por uma terapia, na qual podemos ver duas coisas: ele é cuidado por um mensageiro que representa Javé, e, ao mesmo tempo, ele é cuidado pelo próprio Javé e por sua palavra.

Também nas crises ministeriais é necessário alguém para auxiliar e pastorear, alguém que, assim como o anjo, representa Javé em sua atitude de cuidar; alguém que vem para promover a vida. Deus cuida através de cuidadores.

Mas, enquanto o Senhor cuida de Elias, ele também o deixa viver sua crise e humanidade. A comparação que Elias fez com seus pais mostra as expectativas que ele tinha consigo mesmo, de superar; porém ao descobrir a sua realidade humana o profeta se deprime. Deus o deixa viver esta realidade e descobrir sua humanidade; ele deixa Elias descobrir que “Javé é Deus”<sup>78</sup>.

#### **2.3.1 Deus supre as necessidades básicas**

Em primeiro lugar Deus se ocupa com as necessidades básicas de Elias, seu descanso e fome; e para isto o anjo de Deus o deixa dormir, o manda comer e depois se levantar. Elias come, porém volta a dormir e o anjo o permite, mas

---

<sup>76</sup> PETERSEN, 1993, p. 110-111.

<sup>77</sup> PETERSEN, 1993, p. 111.

<sup>78</sup> ATIENCIA, 1999, p. 16.

volta a insistir no comer e no levantar; ele quer que Elias levante desta situação<sup>79</sup>. O descansar e alimentar-se, para renovar as forças, são necessários e fazem parte da terapia de Deus.

Até aqui, três atitudes fazem parte da terapia de Deus, segundo Petersen: “1) deixou que dormisse, 2) mandou um anjo para servi-lo e 3) supriu-o com alimentos.”<sup>80</sup>.

O próprio Deus providencia o descanso e a alimentação, através de seu cuidador. O objetivo deste cuidado é levantar da depressão, é dar forças para prosseguir o caminho, que pode ser longo como o de Elias.

Muitos pastores e obreiros negligenciam o dia de descanso, pensando serem mais espirituais por isto. Porém o descanso é uma necessidade básica do ser humano, que tem consequências também para a vida espiritual, a qual é vontade do próprio Deus. O ativismo, que tem aparência de espiritual, pode destruir o ministério e levar à depressão e ao pensamento suicida, como o de Elias. Este ativismo pode ser desencadeado pelo fato do obreiro não entender que também vive a partir da graça, ou a partir do pensamento de que Deus precisa dele para completar sua obra de salvação na cruz, que sem o seu trabalho não haverá frutos.

Como já foi mencionado, no descanso expressamos nossa confiança e reconhecemos que dependemos da graça e do amor de Deus, tanto em nossa vida de fé, como no ministério. Os frutos são obra de Deus.

### **2.3.2 Deus põe o profeta para prosseguir e refletir**

Deus deixa Elias recuperar suas forças, mas insiste na ordem de levantar daquela situação e prosseguir o seu caminho. Ele não supre apenas as necessidades físicas, mas também procura motivar para que o profeta se levante e saia desta situação. Javé não atende o pedido de morte, mas tem outros planos para o profeta, ele tem um longo caminho preparado pela frente para ser seguido. Nota-se que Deus não deixa o profeta se deprimir, mas assim que recuperou suas forças o faz levantar e caminhar.

Após isto Javé deixa o profeta viver a sua solidão, por quarenta dias e quarenta noites, dos quais Elias tira a força do alimento trazido pelo anjo. Deus não o arranca da sua situação de crise, mas o deixa processar a crise na solidão do deserto.

---

<sup>79</sup> ATIENCIA, 1999, p. 16-17; PETERSEN, 1993, p. 111.

<sup>80</sup> PETERSEN, 1993, p. 111.

Nos capítulos anteriores, Elias sempre ouviu a palavra de Deus dizendo-lhe: “Vá até este lugar (1 Rs 17.3, 9; 18.1)!” Porém aqui não é mencionado que Deus dá um destino ao profeta. Através da pergunta de Deus (O que fazes aqui Elias?), podemos deduzir que o profeta escolheu este caminho até o Horebe, o qual tem muito significado para o povo de Israel e Judá<sup>81</sup>. Ali o profeta lembra da salvação de Deus e de seus feitos.

Certamente Elias teve tempo de refletir sobre sua situação, neste seu caminho até ali. E ao chegar no Horebe o profeta tem contato com a Palavra de Deus, com o próprio Deus. A Palavra de Deus o faz refletir sobre sua caminhada e sobre o que ele veio fazer neste lugar, o monte Horebe, o monte da aliança de Deus com o povo na saída do Egito, um local que lembra a salvação de Israel. E Deus deixa Elias falar-lhe sobre a sua situação; neste tempo todo o profeta pode refletir sobre sua situação e organizar sua crise.

Javé não responde imediatamente a queixa, dando lhe respostas e se defendendo, mas ele dá uma ordem para que Elias saísse da caverna na qual estava e se colocasse no monte<sup>82</sup>. Aqui Javé toma a atitude de revelar-se a Elias. Javé age com graça, revelando-se e lembrando a sua aliança através das figuras que lembram a salvação na saída do Egito. Esta atitude de Javé demonstra sua graça, demonstra a certeza da sua aliança.

Nas crises é necessário tempo para refletir e organizar a crise. A solidão também faz parte deste tempo. Precisamos ouvir a Palavra de Deus e o que ela nos tem a dizer sobre a nossa crise. E nesta terapia Deus nos lembra de sua salvação. Olhar para Cristo e sua graça, e não para as pessoas, como acontece quando nosso ministério está baseado em homens, é essencial para se reerguer da crise.

Após ordenar que Elias saísse da caverna, o Senhor se revela para Elias. O profeta até agora tinha percebido a glória do Senhor nas coisas grandiosas que ele fazia, como por exemplo, no fogo que Javé havia mandado para consumir o holocausto no monte Carmelo. Mas agora, ao se revelar, Javé mostra uma nova perspectiva de sua grandeza para Elias. Javé não vem nas coisas grandiosas, no forte vento, no terremoto ou no fogo, mas vem na brisa suave (ou em uma voz leve e suave)<sup>83</sup>.

Isto era necessário para que Elias percebesse que Javé não está ausente,

---

<sup>81</sup> PETERSEN, 1993, p. 113.

<sup>82</sup> PETERSEN, 1993, p. 115.

<sup>83</sup> ATIENCIA, 1999, p. 20.

mas está presente em situações difíceis como as que ele está passando. Javé se revela mostrando sua presença abscondita; sua presença nas coisas que não são tão grandiosas. Deus não pode ser reduzido ao espetacular e grandioso<sup>84</sup>.

Para sairmos de nossa situação de crise no ministério temos que nos acostumar com o fato de Deus estar também nas coisas que não tem grande aparência: “Se Elias quer sair de onde está, se quer abandonar a caverna e deserto, tem que ir se acostumando a esse Deus que não se ajusta as nossas definições”<sup>85</sup>.

E novamente Javé faz Elias refletir sobre o que ele está fazendo ali no Horebe, após se revelar: “O que fazes aqui Elias?”. E Deus ouve o mesmo argumento de Elias.

Talvez Elias tivesse ido até o Horebe para esperar uma revelação grandiosa de Deus neste monte santo, porém ali Deus se revela no pouco, na brisa suave, na abscondicidade. E é o próprio Deus que toma a atitude de se revelar na abscondicidade durante a crise; não é por mérito do profeta, mas por graça de Deus. Assim, também na crise, podemos ver o amor de Deus.

### **2.3.3 Deus dá nova perspectiva**

Deus agora passa a ser mais objetivo na terapia. Até agora ele havia renovado as forças físicas, ouvido, se revelado, deixado o profeta organizar a crise e o feito refletir. Mas agora Javé é objetivo, dando duas respostas para a crise: uma em relação ao trabalho do profeta (ele lhe dá uma missão e um substituto, um líder) e a outra em relação a solidão (Deus mostra que Elias não é o único fiel e lhe dá oportunidade de comunhão).

Após ouvir Elias, Deus dá uma nova tarefa para Elias. Até então Elias havia se sentido improdutivo. Porém Deus, a partir desta atitude, mostra que continua contando com a ajuda do profeta<sup>86</sup>. Por trás desta atitude de ordem podemos ver, em um primeiro momento, apenas o juízo de Deus obrigando Elias a continuar a trabalhar. Porém nesta ação está a graça de Deus; por meio deste trabalho ele quer levantar Elias da situação de crise. E nesta graça Deus nos confessa o que precisamos entender no ministério: “Deus não precisa de nós para fazer sua obra, mas Deus quer nos usar”<sup>87</sup>.

---

<sup>84</sup> ATIENCIA, 1999, p. 20.

<sup>85</sup> ATIENCIA, 1999, p. 21.

<sup>86</sup> ATIENCIA, 1999, p. 21.

<sup>87</sup> Frase do pastor Mark Hall, líder e vocalista da banda Casting Crowns, citada de

Por causa de sua graça Deus dá uma tarefa para Elias: “caminhe e volte para teu caminho no deserto de Damasco, e quando tu entrares ungirás[...]”. Deus quer que Elias volte para o seu caminho, que continue o seu trabalho. Ele não dá um prêmio para Elias, por sua dedicação, simplesmente lhe dá uma tarefa, de ungir dois reis e um profeta, um líder que irá substituí-lo<sup>88</sup>. Atiencina diz, a respeito desta substituição:

Na essência, o que o Senhor quer dizer a Elias é: “Elias, a história e a realidade não se transformam com atos espetaculares, mas sim formando pessoas, forjando líderes. Estás tão preocupado em erguer o teu próprio pedestal, tão preocupado por te considerares o único, o mais fiel e consagrado. Estás tão ansioso para que eu te use para fazer uma demonstração de glória e de espetacularidade... Mas não é assim que eu mudo a história, Elias.”<sup>89</sup>

É necessário que o líder compreenda a hora de deixar sua tarefa de liderança, dando lugar para outros, e compreender que o importante não é promover o seu nome, com grandes feitos. É vez de outro assumir o cargo. Elias obedece a ordem de Deus e encontra Eliseu, seu substituto, que o segue. Elias sai com uma nova percepção de Deus desta crise<sup>90</sup>. Assim Deus vai ao encontro da queixa do profeta sobre o seu trabalho, que aos olhos de Elias é infrutífero e o leva para a crise.

E depois disto Deus vai ao encontro da queixa da solidão de Elias, que afirmou ser o único fiel a Javé entre o povo. Deus surpreende com um número de sete mil que não adoraram a Baal. Isto significa que: por um lado Deus não precisou de Elias para trabalhar e agir, mas Deus quer usá-lo, e, por outro lado, que o trabalho do profeta não foi tão infrutífero como este pensava, ele não está sozinho.

Deus age através daqueles que muitas vezes nem levamos em conta, como destes que Elias nem havia percebido. E Deus age não em grandes multidões, mas na formação de indivíduos para a sua obra, na formação de outros líderes,

---

memória a partir de seu testemunho. A ideia que a frase transmite também se encontra na música “In me”, cantada pela banda: “How refreshing to know You don’t need me, how amazing to find that you want me” (Como é refrescante saber que você não precisa de mim, como é incrível descobrir que você me quer).

<sup>88</sup> ATIENCIA, 1999, p. 22.

<sup>89</sup> ATIENCIA, 1999, p. 22.

<sup>90</sup> ATIENCIA, 1999, p. 22.

assim como Eliseu<sup>91</sup>.

Atiencía conclui, a partir disto, que o ministério não é questão de meras e grandes estratégias, técnicas, filosofias e liturgias, mas deve ser acompanhado de um amadurecimento interior, na palavra e no agir de Deus. O ministério envolve mais que estratégias, envolve relacionamentos, amadurecimento com outras pessoas: comunhão com os fiéis a Deus<sup>92</sup>. “Membros, quando se aproximam de seu pastor como ser humano, tendo coração e ouvido abertos para as dores dele, conseguem ser ótimos parceiros, os confessores solitários de que necessitam.”<sup>93</sup>

Elias deve voltar o seu foco novamente para Deus e não para ele mesmo e para as grandes coisas que Deus fez por meio dele. Elias, cujo nome significa “Javé é Deus”, precisa reconhecer isto e voltar o foco para Javé. E isto implica reconhecer que é Deus quem faz a obra por meio dele.

Assim como Elias, somos chamados no ministério a olhar para Cristo, a voltar o nosso foco para Deus e não para grandes feitos. Somos chamados a reconhecer sua presença na abscondicidade. E para isto é necessário olhar para a graça de Deus manifesta em Jesus Cristo. E não há nada mais confortante do que a empatia do próprio Deus para nos levantar de nossas crises. Cristo passou por crises no ministério, chegando a suar sangue no Getsemani (Lc 22.44), sendo abandonado pelos seus próprios discípulos (Jo 6), foi também negado por eles (Lc 22.54-62) e sentiu-se o abandonado do próprio Deus na cruz (Mt 27.46).

É olhando para Cristo, que nos mostra a nossa humanidade, que podemos nos reerguer, a partir da graça, das crises no ministério.

## CONCLUSÃO

Nota-se, a partir da experiência do profeta Elias, que passou por uma grande crise em seu ministério devido à idolatria, que vários podem ser os fatores desencadeadores da crise. Mas o central em 1 Rs 19 é o fato de Elias ter entrado em crise por haver tirado o foco de Deus e o colocado em si mesmo e nos seus grandes feitos.

Isto fez com que o profeta pensasse ser capaz de mudar a realidade

---

<sup>91</sup> ATIENCIA, 1999, p. 22-23.

<sup>92</sup> ATIENCIA, 1999, p. 24.

<sup>93</sup> STECK; WEHRMANN, 1988, p. 268.

pagã com suas próprias forças, sem depender do agir de Deus. Quando Elias percebe que, apesar de seus grandes feitos e de seu ativismo, não é capaz de mudar realidade alguma, então ele se depara com sua humanidade. Elias descobre o que cada líder precisa descobrir: que dependemos de Deus e que “Javé é Deus”.

Elias descobre sua humanidade e vive uma intensa crise por causa deste foco errado. Esta crise acontece por causa de seu ativismo e cansaço físico, de suas falsas esperanças em si mesmo, de sua decepção com as pessoas, nas quais ele colocou a base de seu ministério e o que o levou para a solidão, e por sua incapacidade de ver a presença de Deus em sua abscondicidade.

Mas o próprio Deus cuida dos cuidadores, também através de algum representante, que venha para promover a vida. E nesta terapia de Deus, o profeta encontra força para sair da crise: Deus o alimenta e o deixa descansar, o motiva, o faz refletir, deixando-o viver a crise e a solidão. Deus se revela afirmando a sua aliança, ele dá uma nova tarefa, pois continua contando conosco, e Deus nos chama para viver não apenas a solidão, mas também a comunhão.

Assim como agiu com Elias, Deus quer agir também com cada cuidador em crise. Por isso é importante deixar Deus agir a partir de cada uma destas ações citadas acima. E é preciso reconhecer que também o cuidador vive a partir da graça e do amor de Deus e que ele precisa colocar o seu foco em Deus.

Assim, na crise, poderemos ver a graça de Deus, que nos dá a oportunidade de reconhecermos a nossa humanidade e nos permite descobri-la olhando para o próprio Cristo. Nas palavras de Cristo, dizendo: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”, podemos reconhecer a nossa humanidade e depender de Deus.

## REFERÊNCIAS

- A Bíblia de Jerusalém.** Nova Edição, revista. São Paulo: Paulus, 2000.
- A Bíblia Sagrada:** Revista e Atualizada. 2. ed. Traduzida por João F. de Almeida.. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1933.
- ATIENCIA, Jorge. **Homens de Deus.** São Paulo: ABU; Curitiba: Encontro, 1999.
- Bíblia de Estudo:** NVI. São Paulo: Vida, 2003.
- Bíblia Hebraica Stuttgartensia.** 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- Bíblia Sagrada:** Nova Tradução da Linguagem de Hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.
- BONHOEFFER, Dietrich. **Vida em Comunhão.** 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

- BOWLING, Andrew. In: HARRIS, R. Laird (org.). **Dicionário Internacional de Teologia: Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- COPPEs, Leonard J. In: HARRIS, R. Laird (org.). **Dicionário Internacional de Teologia: Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- FARIA, Almir L. de. Ética pastoral como fruto da vocação relacionamento com a igreja local. In: **Psicologia e ajuda pastoral**. São Paulo: Nascente, 1980.
- FRANCISCO, Edson de F. **Manual da Bíblia Hebraica: Introdução ao texto Massorético** Guia introdutório para a Bíblia Hebraica Stuttgartensia. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- GOLDBERG, Louis. In: HARRIS, R. Laird (org.). **Dicionário Internacional de Teologia: Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- GUNNEWEG, Antonius H. J. **História de Israel: dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor até os nossos dias**. São Paulo: Teológica, Loyola, 2005.
- HAMILTON, Victor P. In: HARRIS, R. Laird (org.). **Dicionário Internacional de Teologia: Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- HARTLEY, John E. In: HARRIS, R. Laird (org.). **Dicionário Internacional de Teologia: Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- KALLAND, Earl S. In: HARRIS, R. Laird (org.). **Dicionário Internacional de Teologia: Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- KEMP, Jaime. **Pastores ainda em perigo: Ajuda para o pastor, esperança para a Igreja**. São Paulo: SEPAL, 1996.
- KÜHNRIch, Roseli M. de O.; HEIMANN, Thomas. Cuidando de cuidadores: um olhar sobre os profissionais de ajuda a partir do conceito de cuidado integral. In: NOÉ, Sidnei V. (org.). **Espiritualidade e Saúde: da cura d'almas ao cuidado integral**. 2 Ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- METZGER, Martin. **História de Israel**. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1984.
- NOTH, Martin. **Geschichte Israels**. 2. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1954.
- OWENS, John J. **Analytical Key to the Old Testament: Judges – 2 Chronicles**. Vol. 2.; 2. ed. Grand Rapids: Baker Book House, 1994.
- PETERSEN, William J. **Elias: um homem nas mãos de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 1993.
- SCHMIDT, Werner H. **Introdução ao Antigo Testamento**. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009.
- SCHÖKEL, Luis A. **Dicionário Bíblico Hebraico-Português**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- SCHROEDER, Janaina E. **Cuidando dos pastores: subsídios para a tarefa de pastorear pastores**. São Bento do Sul: FLT, 2008.
- SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de Exegese Bíblica**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.
- STRECK, Edson E.; WEHRMANN, Günter K. F. Obreiros podem falar de seus conflitos? In: **Estudos Teológicos**. Ano 28 n. 3. São Leopoldo: Sinodal, 1988.
- WALTKE, Bruce K. In: HARRIS, R. Laird (org.). **Dicionário Internacional de Teologia: Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- WHITE, William. In: HARRIS, R. Laird (org.). **Dicionário Internacional de Teologia: Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.